

nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



GRUBBERS

N24 · SETEMBRO 2020

A FEBRE DO LÍTIO

COVID, PRISOM E FALTA DE
MEIOS: DUPLA CONDENA

ATÉ SEMPRE BITXOBOLA

A FEBRE DO LÍTIO

REMÉDIOS URANGA NO PORTAL ANARQUISTA GALEGO PECORAS.INFO

Estamos começando a perceber o resultado de umha nova refundaçom do sistema capitalista. A chamada nova normalidade nom é mais do que isso, a adaptaçom da sociedade a umha realidade que de facto já mudou... Há vinte anos era impensável umha sociedade em que o controle dos nossos movimentos, impulsos, desejos, estivesse monitorizada numha nuvem de informaçom que passou a ser o recurso de mais valor do mundo. Este feito fazia palpável a perda de liberdade individual, mas após a implantaçom dum estado de alarme global, esta perda de liberdade transcendeu a umha forma coletiva. Assistimos impassíveis à implementaçom do fascismo. E o pior de todo, sem argumentos.

O lítio virou num elemento de primeira necessidade para o mercado. O esgotamento amplamente difundido dos combustíveis fósseis, deu passo a umha oportunidade única para re-

construir a industria do automobilismo e do transporte, baixo a premissa do psicologismo virám a destruir terras que hoje som os mais formosos recantos de diversidade autóctone do oeste da Europa. A beira e foz do Minho, a serra do Xurés, a Terra de Montes; serám se os seus habitantes nom o impidem, a matéria prima de umha maquinaria industrial europeia que nom pode nem quer depender de Ásia e América para o seu desenvolvimento.

Estamos a experimentar mudanças profundas que venhem a velocidade do lóstrego. O que fai que aparvada, a populaçom a que nos afeta nom seamos capazes de reagir. O plano tem já anos, e passa por três etapas:

1)A extraçom, fazer um monte de minas no oeste da Europa, trata-se de fazer (segundo a aliança europeia para as baterias) uma minaria de baixo custo. Devido à possível oposiçom da gente que habite estas terra, fai falta fazer umha cheia de projetos mineiros, se agora nom funcionar na serra d'a Arga, pode começar por lugares mais despovoados e empobrecidos, como Doade ou Matosinhos. Trata-se de umha ofensiva em toda regra a nível estratégico

Para fazer-se umha ideia, só em Portugal durante o Coronavirus aprovárom-se 16 concessons mineiras (14 para prospeçom). O qual amossa a febre que há por este novo ouro.

O caso de Doade é clarificador, tenhem terrenos comprados há mais de 12 anos (as primeiras compras do chamado projeto Alberta, 1), se nom se autoriza o céu aberto começará-se com a “minaria sustentável”, é dizer, subterrânea, algo a todas luzes

nom rentável no curto prazo, mais que lhes pom um pé dentro, para depois desenvolver a minaria a céu aberto nas outras concessões. (Alberta 2 e 3) o que sim lhes daria a ansiada rentabilidade a dez ou quinze anos.

Outro caso também curiosos e mais despercebido é o da Santa Comba, em que estão a extrair níquel de umha antiga mina de volfrâmio (Castriz). As novidosas mas perigosas baterias lítio-níquel permitiriam um grande armazenamento de energia, mas têm o perigo de explodir a temperaturas nom mui elevadas. O interessante do caso é que fôrom quem de fazê-lo sem oposição e sem chamar a atençom, o qual demonstra o simples que pode resultar fazer minaria nesta nossa terra.

2) O refinado: Um porto que por sua vez seja refinaria de lítio. Devido à rivalidade histórica fomentada polos Estados espanhol e português, é doado fomentar a inveja de saber quem fica com umha refinaria que supostamente daria um custo extra à produçom de hidróxido de lítio. Semelha que Leixois-Matosinhos que já tem uma refinaria em que Sacyr (construtora que tem investido o 50% da mina de Cáceres) acaba de fazer umha remodelaçom. Poderia ser o sitio mais ajeitado para tratar o lítio das minas disseminadas por todo o oeste Ibérico.

Verim e Vigo seriam outras opções nunca descartadas para esta refinaria em caso de um improvável rejeitamento por parte das autoridades marítimas portuguesas (o secretário de Estado para a energia em Portugal já falou de quanto gostaria de ter a refinaria em Leixões).

3) A fabricaçom: Segundo esta aliança europeia para as baterias, deveria haver de aqui a 25 anos mais de 30 fábricas em toda Europa. O certo é que atualmente só há

em construçom umha. E está em Polónia. Supom-se que em três anos estará em funcionamento e dará cobertura às fábricas de carros da Alemanha Mercedes.

A oposição a estes projetos conta com sérias limitaçom próprias das luitas vizinhais, que farám difícil que se logre parar este “progresso”.

O localismo, o aqui nom. Obviamente ninguém (ou quase ninguém) quer que lhe fagam umha mina na beira da casa. Mas parece quase estendido que precisamos das novas tecnologias para sobreviver, o que pode trocar estas luitas em algo escorregadiço, umha pataca quente que se passa entre vizinhança ou entre países. Este localismo mal entendido pode que faga mal a própria luita, que pode ser tildada de egoísta. Só desde umha defesa da terra global, com a uniom em contra da devastaçom ambiental, transfronteiriça e intervizinhal, poderá-se avançar e confrontar um inimigo tam poderoso.

O ecoloxismo moderno. Outro freo na nosa loita. Como defender o nom ao lítio se é usado nos telemóveis. A nova refundaçom capitalista, verde e asséptica, vende a sua tecnologia como inócua, que nom suja, limpa. Nada mais falso. Nom é justo que vendam África e América mais a velha Europa nom se toque. A nossa luita deve passar por umha desescalada do consumo, tanto tecnológico como nom. Algo invendível para o capitalismo, que necessita dum crescimento constante para sobreviver.

Esta desescalada nom se deve confundir com involuçom. Bem ao contrário, trata-se de evolucionar como indivíduos cara a relaçom reais, virtuais ou nom, de trabalhar com o que temos e de partilhar. Nom de procurar tecnologias que nos controlam e isolam individualmente, e que dam um poder quase ilimitado a novas empresas que controlam esta tecnologia.

A oposição a estes projetos conta com sérias limitaçom próprias das luitas vizinhais, que farám difícil que se logre parar este “progresso”.



A crise económica que se avizinha, que fará que a classe obreira, que já de por si está em processo de decomposição seja recetiva a procurar postos de trabalho a qualquer preço, e faga parecer como inconscientes a quem se oponha a ter duas dúzias de postos de trabalho em troca de “um montinho e dous regatos”.

Como remate a estas contradicções que fam mais difícil esta luta, está a diversidade e heterogeneidade dos sujeitos que podem estar em contra deste desenvolvimento mineiro. Que em si próprio nom tem de ser um problema, mais é pola falta de comunicação entre estes sectores. Um exemplo esclarecedor som os caçadores, pescadores, labregos, gadeiros, recoletores de cogumelos e ativistas. Obviamente todos os primeiros serám os mais afetados pola implementaçom da mina, mas ou nom estám o suficientemente informados, ou de momento parecem nom estar a agir, e menos de maneira conjunta.

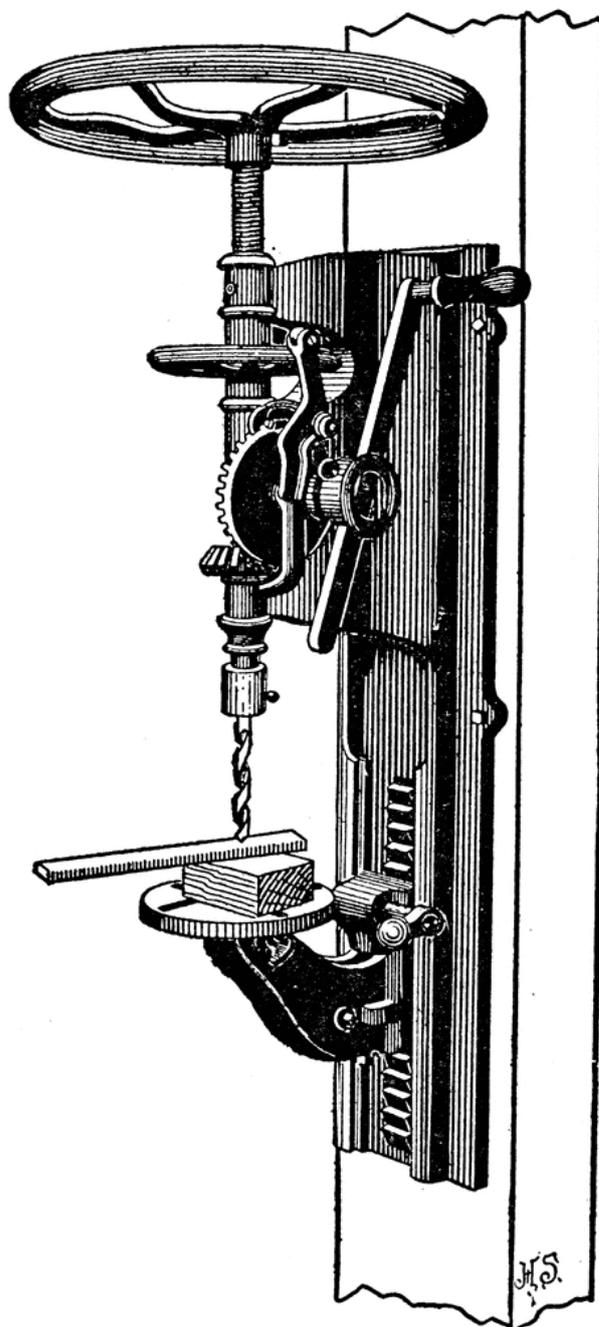
Ainda que se dam todas estas eivas, nom há que desanimar. O cluster mineiro tem claro o futuro que quer ter na Europa. E já se estám dando as primeiras mostras contrárias à minaria de lítio. Matosinhos, Serra d'Arga, Cáceres, Doade. Em todas estas terras há oposiçom ativa a os projetos mineiros que se querem fazer. E é positivo. Da uniom destas luitas depende que se paralisem ou nom

estes projetos. De dotar umha ideologia anti-capitalista a estas luitas depende que o futuro seja de umha ou outra forma. É uma guerra a longo prazo, e agora é o momento de preparar-se, armar-se de ideias, de laços de amizades, de ferramentas de organizaçom que permitam lutar sem cair em lideranças e autoridades, sem poder ser aproveitáveis polo sistema. Do local mas sem localismos egoístas.

Do coração e o amor à terra.

Da uniom destas luitas depende que se paralisem ou nom estes projetos.

De dotar umha ideologia anti-capitalista a estas luitas depende que o futuro seja de umha ou outra forma.



COVID, PRISOM E FALTA DE MEIOS: DUPLA CONDENA

CHAMADO A PARTICIPAR DA MARCHA A LAMA O 26 DE SETEMBRO. PARA +INFO: MARCHAALAMA@RISEUP.NET

A situação extrema criada nos cárceres no contexto da alarme social e sanitário devido ao COVID, levou-nos a um grupo de familiares e amigos de pessoas presas, com o apoio doutros coletivos implicados na defesa dos direitos humanos, a denunciar o abusivo das circunstâncias e a demandar soluções perante a situação de vulneração dos direitos das pessoas presas:

NOM SE REDUZ A POPULAÇÃO PENITENCIARIA, SÓ OS SEUS DIREITOS

Atendendo às recomendações das mais altas instituições em matéria de saúde pública, a maioria dos estados europeus reduziram o número de presas e de presos para evitar os riscos da pandemia. Pola contra, o estado espanhol nom fixo mais do que agravar a situação da nossa gente presa, quitando um

direito após outro. Nos últimos meses a população reclusa padeceu a suspensom de vises e visitas (inclusive de advogadas/os), atividades programadas, tutorias da UNED, serviço de demandadeiro, saídas a polidesportivos, ajuda do voluntariado, etc. A paralisação das Equipas Técnicas e das Juntas de Tratamento impediu as progressions de grau e o acesso a regimes de liberdade condicional, infringindo o direito fundamental à liberdade dalguns internos e internas em condições de sair à rua em regimes de semiliberdade. Supom-se que o cárcere serve para reinsertar as pessoas presas, mas nesta situação comprovamos como prevalece o castigo a qualquer outro fim, que se vê agravado com medidas “sanitárias”, como as quarentenas sofridas em regimes de isolamento estrito logo dos traslados ou das visitas. Isto é ilegal: se nas atuais circunstâncias o estado nom pode cumprir com a sua própria lei, que abram as por-

tas e deixem sair as pessoas que tenhem dentro. Polo tanto exigimos a excarceração das pessoas presas, já que Instituições Penitenciárias nom cumpre nem a sua lei de regime interno nem toma medidas efetivas e reais que velem pola sua segurança e integridade.

PESSOAL MÉDICO QUASE INEXISTENTE

Denunciamos a atual situação sanitária dentro dos cárceres, totalmente insuficiente numhas condições normais, mas que resulta muito preocupante num contexto de alarme sanitário.

Esta situação é a que explica as medidas que se tomam para abordar a crise: resulta mais barato restringir os direitos dos reclusos que solucionar esta grave desatenção médica.

Perante a gravidade desta situação, exigimos a excarceração das pessoas presas vulneráveis (as gravemente enfermas, as maiores

de 60 anos e com patologias prévias crónicas) e das mulheres grávidas e com crianças, assim como das pessoas com doenças mentais perante um agravamento da sua saúde a consequência da vivência dentro dum contexto de incerteza e maior isolamento social. Exigimos o direito à saúde das pessoas presas. Se o coronavirus entra nas prisons, haverá que vazia-las.

NOM HÁ MEDIDAS COMPENSATÓRIAS

Exigimos medidas para paliar todo o sofrimento com o que vivenciamos esta situação durante meses, e o que está por vir. Denunciamos o desprezo com o que som tratados os nossos direitos quando se nos proíbe ver os nossos seres queridos através dum vidro. Enquanto os carcereiros entram diariamente da rua, o nosso tempo de estar em família, já de por si escasso, pretende ser trocado por umha vídeo-chamada de dez minutos.

Queremos a devolução dos vises perdidos durante a quarentena (compromisso adquirido pela maioria das direções dos cárceres de que temos informação, que agora estão a ser denegados sistematicamente) e os que se perdam diante de futuras restrições.

Queremos que se agilizem as concessões de terceiros graus, a liberdade para as presas e presos preventivos, indultos gerais ou parciais para cada interna/o e o abono polos dias que dure a situação excecional de alarme na liquidação da condena (produzindo umha rebaixa extraordinária equivalente à prolongação temporal desta situação).

Propomos que se tome a temperatura e em último caso, que se nos faga a prova às familiares e amizades ao entrar na prisão, mas que em nengum caso se nos quitem as visitas e vises. Ademais estão a ser os carcereiros quem na maior parte dos casos introduzem o vírus.

Fazemos finca-pé em que a desatenção sanitária nas prisons nom é de agora, vem de atrás. Situação insustentável que vemos nas mortes que acontecem nas prisons e das que ninguém se fai responsável. Defendamos o direito à saúde das pessoas presas!

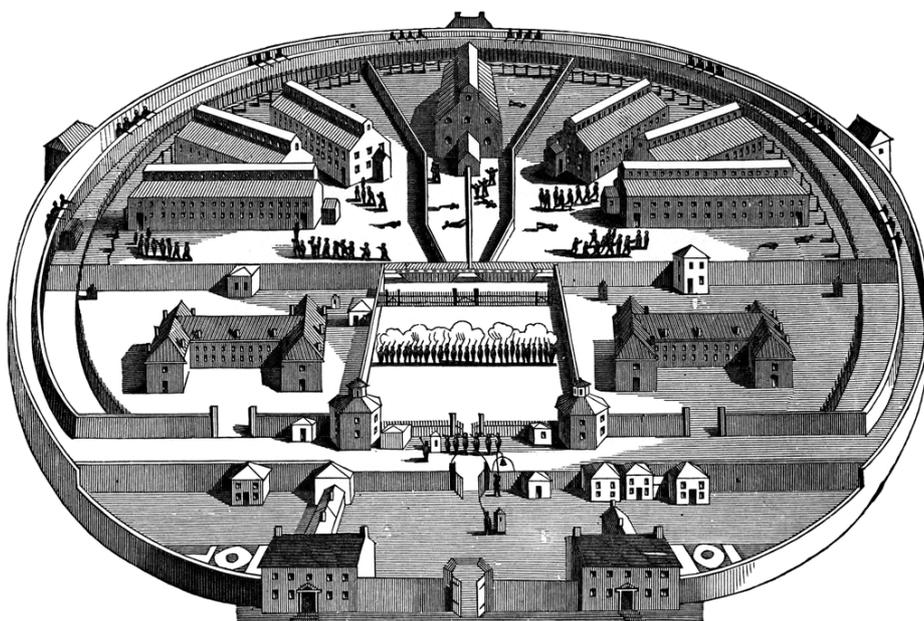
Perante o aumento da falta de meios e direitos pola pandemia:

Exigimos a compensação polo endurecimento adicional da estância em prisão

Exigimos a redução da população carcerária

Abaixo os muros das prisons!

*Perante o aumento
da falta de meios
e direitos pola
pandemia:
Exigimos a
compensação polo
endurecimento
adicional da
estância em prisão
Exigimos a
redução da
população
carcerária*



ATÉ SEMPRE BITXOBOLA

ROBINJUZ NO PORTAL ANARQUISTA GALEGO PECORAS.INFO

Txemita, mais conhecido como Bitxo Bola, deixou-nos para sempre no primeiro de setembro. Foi-se-nos um dos grandes. Outro imprescindível do anarquismo autónomo galaico que se marcha sem despedir-se; engrandecendo o oco que já nos deixara Pastora. Vaia racha: Dominga, Rubém Stop Despejos, Carlos Faluya, Xosé Portela...as filas dos lutadores sociais sofrérom muitas perdas irreparáveis nos últimos meses. E agora, apenas repostos da terrível marcha de Pastora, outra vez o sabor amargo invade as nossas bocas e este imenso vazio devora-nos as entranhas.

Txema, Bitxo Bola. Quiçá muitos nas novas geraçons nom sabiam quem era, mas em Galiza puxo-lhe música às luitas sociais durante as duas últimas décadas. Cantautor redentor e iconoclasta. Punkarra corentom de língua afiada e irreverente. Divertido,

ocorrente, irónico e intelixente. No seu enorme corpachom apenas cabia o seu apaixonado coração libertário. Foi o nosso Ennio Morricone, compondo a banda sonora das luitas do anarquismo galego do novo milénio.

Lembro de quando o conhecim. Fazia pouco que vovera de Madrid, de estudar arte dramática. Naquela época tinha melenas, que pouco tempo mais tarde cortaria para deixar-se a sua icónica cresta. Estávamos numha manifestaçom por Santiago, prelúdio dumha das primeiras Marchas a Teixeira, e um chorro de voz tam grave como potente destacava sobre o resto de manifestantes. O tom era infundível (bem o sabedes todos os que o conheciades) coreando consignas importadas, pouco conhecidas polo nosso terrunho galego, herdança da sua etapa valhecana. O seu enorme corpachom sobressaía entre a nossa pequena comitiva contestatária. Pronto foi um habitual e nom tardamos em ser

amigos. Fazia-se querer, todos lhe colhemos carinho. Depois levou o “Rara Avis” no ferrolám bairro do Esteiro; um ponto de encontro, um refugio, um entranhável tugúrio, a nossa morada de perdedores libertários pola zona de Ferrolterra. Quantas cervejas tomamos por ali! Nalgum momento Txema começou a cantar. Bom, já o fazia de antes, mas daquela mais. “Vou-me chamar Bitxobola, a que me pega?” Com certeza que lhe pegava. Com esse nome começou a patear cenários. Estava em todas, nom se perdia umha. Dava igual se era um concerto para arrecadar fundos para qualquer causa solidária, que a inauguraçom dum novo Centro Social. Sempre estava aí, sempre solidário.

Já fechara o bar, vivia em Lugo e buscava-se a vida tocando na rua. Mas sempre vinha quando se lhe chamava, nunca falhava. Para umhas jornadas anarquistas, para apoiar os presos ou para telonear um concerto de punkarreio... ou

de folk, ou de rumba... ou do que caralho fosse, dava o mesmo, ele sempre estava aí. O nosso eterno comodim; com ele a festa estava assegurada. Vinha só polo dinheiro do autocarro, e isso que muitas vezes apenas tinha o justo para comer. mas nunca dixo que nom. Inaugurou e clausurou praticamente todas as nossas okupas: A Casa das Atochas, A Sala Yago, A Casa da Estaçom, o C.S.O. Palavea, A Casa Negra, Eskarnio e Maldizer... Também o Ateneo Libertário Xosé Tarrío ou o Centro Social A Ghavilha. Amenizava sempre o concerto de abertura e cantava também quando chegava o despejo. Polo caminho, nom havia cartaz de tocada solidária em que nom aparecesse o seu nome. Como já digem, pujo-lhe música à nossa luta anti-sistema.

Mas nom só vinha cantar, nem muito menos. Lembro que na inauguraçom da Casa das Atochas, o primeiro dia da okupaçom, ademais de subir-se ao cenário, dando voz à nossa euforia, ficou durante toda a semana compartilhando conosco as primeiras permanências. As mais perigosas. Três anos mais tarde, já baixo ameaça de despejo, nom só foi o derradeiro em tocar, senom que também ficou varias noites de permanência em espera da polícia. Veu desde Lugo para apoiar-nos, ainda com o risco de comer-se o nosso marrom; nom lhe pilhou dormindo na casa por um par de dias. E naquelas permanências em espera dum despejo iminente já nom éramos várias dezenas, como quando entramos.

Naqueles duros momentos contávamo-nos com os dedos da mao. E ele, vivendo a cem quilómetros, foi um dos dedos daquela mao combativa e solidária.

Agora vénme á mente a performance do Partido P.R.Im.G.A.O (Políticos Rastreros Incitam Gilipolhas A Obedecer): a nossa campanha anti-eleitoral. Ele era o nosso candidato, Paco Rupto, até se deixou o bigodinho hitleriano para caracterizar o personagem. Vaia atorazo vem de perder o mundo! Percorremos as capitais galegas fazendo mitins em plena rua, a gente flipava por cores. O discurso que Txema preparara era perfeito, umha ácida caricatura das mensagens eleitorais da direita. A gente que passava pelas ruas parava-se com os olhos como pratos, alucinando. Nunca antes expugemos tam bem o nosso discurso ridicularizando o do contrário. Mesmo quando véu a polícia, e nós nom parávamos de aclamá-los e aplaudi-los burlo-namente, nom sabiam onde meter-se. Que momentazo! Acho que nom o esquecerei até que o alzheimer ou a morte o apaguem da minha mente.

Com todo isto quero dizer que o seu compromisso nom era só musical, nada disso, sempre foi muito mas além. Ainda que penso que o lembrarei sempre com a guitarra na mao.

As suas letras eram ácidas, inteligentes, críticas... até com o nosso próprio mundo, com a nossa própria autocomplacência libertária. Regalou-nos contundentes hinos

que se misturárom indisolavelmente na nossa luta: todos os sabíamos, todos os cantamos, punham música às nossas açons, aos nossos sonhos, aos nossos desejos e às nossas perdas. Repito-o outra vez: foi a nossa banda sonora. E vaia festa que montava, podia passar horas a cantar, ele só com a sua guitarra, enchendo o cenário muito melhor que umha banda com dúzias de membros. Como cantamos! como bailamos! Que bem que o passamos! E que tristes vam ser agora os nossos concertos. Acho que para toda a minha geraçom de anarquistas e okupas galegos algo morreu com ele. Como um ponto de nom retorno que nos indica que rematou umha época. Que nos fazemos velhos. Que agora toca a outras geraçons marcar o ritmo, com outra música, com outras cançons; nesta mesma maldita e velha revoluçom que nunca acabamos de perder de todo.

Joder Txema, tinha tantas cousas que dizer-che. Suponho que sempre é assim. Agora te reunirás com Xosé e Pastora na imensidade da terra, nesse bonito e selvagem recanto da Costa da Morte que muitos conhecemos. O nosso pequeno panteom de pinheiros e praia. As tuas cinzas abonarám a verde natureza, banhada eternamente polo atlântico embravecido. Os ventos do nordês soprarán as tuas cançons, ardendo como brasas nos nossos velhos coraçons libertários... agora mais tristes e vazios que nunca.

Até sempre companheiro. Já estamos botando-te em falta.

Ardora
(s)ediçons anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

C O L A P S O
— | Z I N E S | —

COLAPSOZINES@RISEUP.NET